
Transterritorializações do *queer* no Estado espanhol. De políticas e teorias inapropriáveis

Teoría queer. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas.

CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco (Eds.).

2. ed. Madrid: Egales, 2005. 257 p.

À memória de Paco Vidarte

Não há dúvidas de que os movimentos LGBT dos países ocidentalizados vivem um dos momentos mais intensos de sua história. As lutas a favor de garantias para uma vida digna e contra a homofobia se dispersaram e se consolidaram em diferentes frentes, em forma de movimentos sociais de caráter múltiplo, ora espontâneos, ora organizados, ocupando diferentes espaços políticos ou áreas acadêmicas. As lutas contra a pandemia do HIV e a favor do reconhecimento formal da mudança de gênero por parte de pessoas trans, do direito ao matrimônio e à adoção de filhas/os são alguns dos pontos de embates mais visíveis, aos quais e contra os quais somam-se debates

internos vitais, que questionam a misoginia, a transfobia e outras formas de exclusão interna aos movimentos LGBT, assim como a adesão à vida burguesa por determinados setores gays e lésbicos.

O mundo acadêmico se imbrica a essas lutas, contribuindo com ferramentas teóricas a uma compreensão crítica das dinâmicas sociais de opressão, mas também a um questionamento dos próprios movimentos. No entanto, como muitas/os das/os ensaístas de *Teoría queer*. *Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas* insistem, o espaço acadêmico é tradicional e estruturalmente conservador, e a apropriação e o enrijecimento das práticas políticas e (des)identitárias de minorias marginais pela teoria *queer* são mais do que uma simples eventualidade.

Os doze ensaios e o poema que compõem o livro podem ser compreendidos como esforços dentro do Estado espanhol em dar conta da intensidade atual dos movimentos LGBT e contribuir para sua disseminação e seu fortalecimento. No entanto, se o título do livro marca um caráter acadêmico, o subtítulo aponta para deslocamentos e questionamentos que se confirmarão nos ensaios: a política aparece em primeiro lugar e os adjetivos escolhidos – *bolleras* (cuja tradução imperfeita

seria “sapatonas”), *maricas*, *trans* e *mestizas* – enfatizam certas agressividade e informalidade que o termo “queer” parece ter perdido ao conformar com a palavra “teoria” uma expressão de ares tão acadêmicos. “Queer es osos, zorras, lobos, perras, buitres, leonas, víboras. Um zoo no lógico”, canta o poema de Sejo Carrascosa no meio do livro, deixando a marca mais explícita da opção pelo político e pelo informal próprios a qualquer movimento digno de seu nome.

No entanto, se o acadêmico e o intelectual têm sua importância subordinada ao político, tal não implica ligeireza ou desdém. Os/as ensaístas propõem reflexões rigorosas e originais, que abarcam temas e autoras *queer* da maior importância. São especialmente minuciosos os artigos de David Córdoba, que inaugura o livro, e o de Pablo Pérez Navarro. Córdoba, com o intuito de pensar a questão da identidade nos movimentos LGBT contemporâneos, se detém sobre os discursos de Michel Foucault e Freud relativos à sexualidade, bem como sobre os de Gayle Rubin e da tradição feminista francesa ligada ao materialismo (na qual se encontram, entre outras, Monique Wittig e Christine Delphy) sobre o sexo, traçando o caminho que permitiu a desnaturalização desses termos e a possibilidade de emergência da concepção do gênero como performatividade de Judith Butler. Em seu ensaio dedicado a essa autora, Pérez Navarro desenha as relações entre performatividade, abjeção e discurso de ódio (*hate speech*), ressaltando que a importância da obra de Butler não provém das respostas que ela propôs às indagações sobre o gênero, mas sim de sua opção por assumir os limites históricos do próprio pensamento crítico e, conseqüentemente, por deixar em aberto as possibilidades futuras de construção de identidades e da paisagem social.

Outros dois ensaios procuram intersecções teóricas arriscadas e mostram-se muito frutíferos. Beatriz Preciado, na busca de construir um corpo *queer* a partir de *The Straight Mind*, reintroduz o lesbianismo em um *continuum* homo-heterossexual, sem por isso abdicar do radicalismo de Wittig e, assim, insiste em uma construção do corpo que, sem menosprezar a lógica performativa, a supera, inscrevendo-se em um devir sapatão-lobo (*bollo-lobo*), que fará saltar pelos ares os regimes de opressão sobre as mulheres.

Por sua vez, Paco Vidarte retoma o receio ao acadêmico: “Ni lo queer nació en la universidad, ni nunca entrará en sus aulas de

forma pacífica”, para depois matizar sobre a importância da filosofia para o pensamento cotidiano de um modo geral e, mais especificamente, sobre a importância da teoria de Derrida e Deleuze para a construção dos estudos *queer*, evidenciando assim suas raízes européias. No final do ensaio, Vidarte propõe pensar uma política *queer* a partir da concepção de multidão em Antonio de Negri, a qual apela à coletividade sem esfalçar a singularidade de cada pessoa que a compõe.

Se a tensão entre o teórico e o político é a mais claramente delineada ao longo do livro, há outra cuja importância é também capital, sendo especialmente interessante que a pensemos a partir do Brasil ou da América Latina: em que medida o “queer” ou a “teoria queer” constituem acontecimentos estadunidenses e em que medida são acontecimentos compartilhados por outros (não)lugares, ou ainda, em que medida são universalizáveis ou passíveis de (re)apropriação por outros contextos?

A palavra “queer” é obviamente inglesa e, como nos mostra a ótima genealogia do termo empreendida por Alfonso Ceballos, é conhecida sua utilização como antônimo de *straight* ou *respectable* desde finais do século XVI, sendo a apropriação positiva desse termo por parte de comunidades de homens homossexuais documentada pela primeira vez na década de 1910. Já o termo “teoria queer”, como é bem sabido, foi cunhado em 1991 por Teresa de Lauretis.

No entanto, a palavra “queer” tem uma origem no indo-europeu – *twerkw* –, que em latim derivou em *torquere* (torcer, retorcer, serpentear – inclusive, no Estado espanhol houve uma tentativa, restritamente vingada, de traduzir o termo por *torcido*), o que implica uma etimologia compartilhada, ainda que de forma remota, entre todos os países ocidentalizados. Além disso, como bem o recordam, entre outros, os ensaios de Preciado, Javier Sáez, Carmen Romero e Eduardo Nabal, antes da canonização da expressão “teoria queer” por Lauretis, a palavra “queer” já era utilizada em escritos teóricos de acadêmicas *chicanas*, negras, lésbicas e de classe trabalhadora, ou seja, por aquelas que, ainda sendo formalmente cidadãs estadunidenses, careciam de reconhecimento pleno como tal e enraizavam seus desejos, ânsias e identidades para além de suas fronteiras.

Dessa forma, o termo “queer”, cuja aceitação em âmbitos acadêmicos e militantes é ampla devido à sua capacidade ‘subversiva’ de negar uma referência concreta a qualquer

identidade, é inapropriável também à fronteira estadunidense, ou mesmo à língua inglesa. O *queer* tampouco deixa-se apreender geográfica e lingüisticamente. Não que o *queer* político ou teórico estadunidense seja um entre outros. O ensaio de Sáez, por exemplo, esforça-se por mostrar como a reação dos grupos lésbicos e gays à pandemia do HIV nos Estados Unidos, e as crises nos movimentos feministas provocadas pelas críticas já mencionadas das feministas negras e lésbicas, e no movimento gay pelo repúdio ao seu aburguesamento, unidos à excepcional acolhida da obra foucaultiana por parte destes grupos, conformaram uma mistura que resultou extremamente potente. A influência sem igual do *queer* estadunidense, assim como da teoria que se apropriou de seu nome, é evidente sob qualquer ponto de vista. No entanto, isso não significa uma simples transposição de um saber estadunidense ao resto do mundo. Pelo contrário, muitas das condições históricas norte-americanas que permitiram o surgimento do *queer* são compartilhadas por outros Estados (a luta contra a pandemia do HIV, as cisões internas aos movimentos feministas e LGBTI, etc.), assim como cada país traz suas próprias especificidades – no caso espanhol, entre outras, a recente ditadura franquista, o passado colonial ou a convivência com o outro interno: as/os ciganas/os.

Os ensaios que mais focam a especificidade do *queer* no Estado espanhol são os de Carmen Romero e Marcelo Soto, respectivamente sobre pós-colonialismo e literatura. Soto, compreendendo que as iniciadoras do *queer*, Wittig, Adrienne Rich, Gloria Anzaldúa e Audre Lorde, eram poetisas, defende que apenas a literatura pode romper com a linguagem dominante. Dessa maneira, o *queer* do Estado espanhol estaria na revista de poesia da década de 1980 *Non Grata*, do LSD, o “grupo de lesbiana que cambia al nombrarse”, nos poemas de Leopoldo Maria Panero, ignorados pela própria teoria *queer*, ou nos livros de Manuel Puig, escritor do além-mar ex-colonial argentino.

Já em seu ensaio, Romero repassa o encontro entre teoria *queer* e pós-colonialismo nos países de língua inglesa, colocando a necessidade de se pensar como a recente migração ao território espanhol de latinas/os e africanos/as modifica o pensar LGBT. Lembra o que é óbvio, mas por regra ignorado: que muitas/os das/os imigrantes são trans, gays, intersex ou lésbicas. Ainda menciona a necessidade de futuramente serem incluídas reflexões sobre a população cigana, alteridade

de difícil convivência interna ao Estado espanhol. O nome próprio Espanha, já terá chamado a atenção da/o leitor/a, é esquivado por quase todas/os articulistas, em clara escolha por ressaltar o caráter construído e violento de qualquer Estado-nação.

Outros três ensaios de caráter genealógico concentram-se principalmente sobre produções *queer* estadunidenses, ainda que não apenas: o de Eduardo Nabal, sobre o *new queer cinema*, o de José Manuel Martínez sobre sado-masquisimo, e o de Desiré Rodrig e Helenta Torres sobre *ciberqueer*.

Nabal considera que o chamado “new queer cinema” não se constitui em um movimento cinematográfico propriamente, mas em “una serie de películas, festivales, críticos y espectadores que [...] han confluído en un modo similar de redefinir el cine gay y lésbico [...] como fenómeno social y como hecho cinematográfico”. A emergência dessa “serie” se dá a partir da quebra com o modelo conservador gay, a qual foi possível a partir de um conjunto de filmes e reflexões sobre o cinema, que passam por cineastas como Jean Genet, Andy Warhol ou Jean Cocteau, o cine *underground* estadunidense ou a crítica feminista Laura Mulvey.

Por sua vez, Rodrig e Torres pensam o *cyborqueer* como fruto de tensões de gênero, mas também raciais e de classe, que encontram na indissociabilidade de organismo e tecnologia uma área para projetar alteridades inapropriáveis. As *cyborqueer* de autoras de ficção como Joanna Russ ou Octavia Butler aparecem, então, indissociáveis de outras formas de repúdio à lógica identitária, como a *mestiza* de Anzaldúa.

Fortemente influenciado por Foucault e por grupos estadunidenses de sado-masquisimo, Martínez ressalta a capacidade subversiva dessa prática, que trabalha e inverte as posições e relações de poder, *dessexualizando* o erótico, abrindo espaços para a exploração de prazeres corporais em que a dor (quando presente) não é um fim em si mesma, mas uma possibilidade de abertura ao prazer. Nesse sentido, a opinião de alguns grupos feministas que liga essa prática à violência e à misoginia está equivocada, ao ignorar o lema “seguro, saudável e consensual”, próprio à ética sado-masquista.

O artigo que por último apresento, sugestivamente denominado “La fuga de las bestias”, é também interessante para se encaminhar uma conclusão. Nele, Fefa Vila Núñez pondera a possibilidade de ser-se estranha/o (*rara/o*) no momento atual de normalização, cujo marco é o midiático “matri-

mônio gay". Espetando a euforia, lembra que as trans não se vêem em nada beneficiadas pelo acontecido e que outras formas de parentesco continuam invisibilizadas. Desse contexto político espanhol atual, ela adentra nos textos de Wittig e de Haraway, em suas construções de corpos sexuais ou ciborgues resistentes ao "heterorismo", para retornar a Ricardo Llamas e Elvira Burgos Díaz que, dentro do Estado espanhol, iniciaram a resistência teórica ao aburguesamento gay e lésbico. Expõe, então, uma recusa de identidades LGBT que são respeitadas e celebradas como diferenças na medida em que abdicam de seu contexto radical, e conclama para que se construa um movimento *queer* radical no Estado espanhol, com alianças e ações coletivas que rompam com os contextos sociais, econômicos, étnicos e políticos.

O *queer* é, então, um devir inapropriável à lógica heteronormativa, cabendo à teoria LGBT não apreendê-lo em sistemas teóricos, por mais nômades que estes sejam, mas sim participar de sua força subversiva. Ao inscrever-se no devir *queer*, a teoria não perde seu caráter sistemático, mas enfatiza seu potencial criativo e assim insere-se no momento político e social atual e em suas perspectivas de transformações.

Post scriptum: no dia 29 de janeiro de 2008, faleceu Paco Vidarte, aos 37 anos. De vigor

impressionante, publicou onze livros nos últimos dez anos, além de artigos e traduções de, entre outras/os, Monique Wittig e Jacques Derrida. Mostrou-se preocupado com tendências de submissão do político ao teórico. Como militante, indignava-se com os setores LGBT eufóricos com o matrimônio gay, enquanto o Estado espanhol continua tão homofóbico a ponto de diariamente as pessoas *queer* apanharem na rua ou de as crianças continuarem sendo aterrorizadas pelo *bullying* heteronormativo. Acreditava na necessidade de novas formas de luta LGBT, para além da reivindicação de direitos, solidárias a toda manifestação contra-opressiva. Como filósofo, debruçou-se sobre a obra de filósofos franceses contemporâneos, especialmente Derrida e sua preocupação com a singularidade e o acontecimento, mostrando-se preocupado por tendências que procuram prescrever uma determinada maneira de ler o filósofo. Importava-lhe a amizade, o prazer, o humor, sem deixar de reivindicar a legitimidade do ódio para com os opressores. Alguns de seus escritos se encontram em sua página na web (<http://www.pacovidarte.org/>) e na de seu amigo Javier Sáez (<http://www.hartza.com/>).

Danilo de Assis Clímaco ■
Universidade Federal de Santa Catarina